

A indústria na Amazônia Oriental (1967-2007)

Cláudia Chelala

Universidade Federal do Amapá, Brasil. Doutora em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (NAEA-UFPA). Professora da UNIFAP. E-mail: chelala@unifap.br

RESUMO: Este artigo analisa aspectos relativos a estrutura da indústria nos Estados do Pará e Amapá, integrantes da parcela oriental da região amazônica. A pesquisa abrange o período 1967-2007, que compreende o início da Operação Amazônia até um ano antes do desencadeamento da crise econômica global, que abalou os mercados mundiais. Para a identificação do contexto foram utilizados dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As políticas públicas de desenvolvimento repercutiram decisivamente sobre a Amazônia, impactando o meio ambiente, mas também transformando o seu perfil econômico. Nesse cenário, o estudo sobre as atividades industriais regionais representam um indispensável tema para as agendas ambientais e desenvolvimentistas da Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia Oriental – Amapá – Pará – Indústria

ABSTRACT: The Industry in East Amazon (1967-2007). This article analyzes related aspects to the structure of the industry in the States of Pará and Amapá, units of the east portion of the Amazonian area. The research covers the period of 1967-2007, which corresponds to the beginning of the Amazonian Operation until one year before the start of the global economical crisis that affected the world markets. For the identification of the context secondary data of the Brazilian Institute of Geography and Statistics were used. The public policies of development were a decisively on the Amazonian, which had an impact in the environment, but also transforming the economical profile. In this scenario, the study about the regional industrial activities represents an indispensable theme for the environmental agendas and development of Amazon.

Keywords: East Amazon - Amapá - Pará – Industry.

1 Introdução

Escassos são os escritos sobre a indústria na Amazônia, isto porque os temas mais vinculados à região dizem respeito às questões ambientais. Ademais, as principais literaturas referentes à indústria na região destacam principalmente a Zona Franca de Manaus, situada na parcela ocidental da Amazônia. Contudo, a atividade industrial, em maior ou menor escala, esteve presente em todo o seu território, desde o início da consolidação das atividades econômicas conseqüentes ao processo de colonização. Importante destaque deve ser dado às políticas públicas desfechadas pelo governo

federal, em meados do século passado, com o objetivo de desenvolver a região, as quais repercutiram decisivamente em sua estrutura econômica.

Identificar o perfil da indústria existente no lado oriental torna-se importante, sobretudo porque as atividades industriais impactam fortemente os ecossistemas, e, por outro lado, representam pilares essenciais para o desenvolvimento de uma das regiões mais atrasadas do país.

O levantamento considerou os dados da Pesquisa Industrial Anual (PIA), que é realizada pelo IBGE desde 1967, tendo o ano de 1966 como a primeira referência. Inicialmente é preciso ressaltar algumas inconsistências encontradas para a realização deste levantamento. Entre 1966 a 1995 a PIA foi realizada a partir de metodologias distintas e amostras baseadas em censos industriais quinquenais.

A partir de 1966, a pesquisa passou a ser anual, baseada no Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) do IBGE. A PIA subdivide-se em PIA-Produto e PIA-Empresa, tendo sido esta última, a fonte da presente análise. Na PIA é dado tratamento censitário para as empresas que possuem 30 ou mais pessoas ocupadas (IBGE, 2004).

Para permitir a comparação entre os anos, os valores correntes foram atualizados para o ano de 2007 pelo Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) (critério mês cheio) da Fundação Getúlio Vargas. A escolha do indexador justifica-se em função de ser um indicador geral de preços mais adequado para medir variações na indústria (pelo fato de considerar preços no atacado e na construção civil), do que o índice de preços ao consumidor. O IGP-DI é calculado desde 1944, abrangendo assim, todo o período da análise.

O indicador escolhido foi o **Valor da Transformação Industrial (VTI)** que corresponde, em unidades monetárias, a diferença entre o valor bruto da produção industrial e o custo das operações industriais. O cálculo é realizado a partir da subtração do valor da produção, as importâncias despendidas com o emprego de matérias-primas, componentes e materiais auxiliares consumidos na produção; utilidades industriais; serviços industriais prestados por trabalhadores sem vínculo empregatício; energia elétrica consumida; e combustíveis e lubrificantes consumidos para acionar maquinaria e para aquecimento (IBGE, 2004).

2 Evolução da estrutura industrial

O critério de escolha dos gêneros está relacionado à expressividade de cada segmento para ambos Estados ou, particularmente, para um. Embora a análise tenha sido realizada anualmente, ela será apresentada considerando cinco anos da série, quais sejam: 1967, 1977, 1988, 1997 e 2007. Inseriu-se os dados do Brasil de modo a se possibilitar comparar os dados dos dois Estados com o desempenho nacional. O Quadro 1 apresenta os gêneros industriais utilizados, com base no critério de agrupamento das atividades pelo IBGE. O Quadro encontra-se disposto em duas colunas porque após o ano de 1995, o IBGE ajustou o critério de definição das atividades.

Gêneros Industriais (1967-1994)	Gêneros Industriais (a partir de 1995)
------------------------------------	---

Indústria Extrativa	Indústrias Extrativas
Produtos minerais	Extração de minerais metálicos
-	Extração de minerais não-metálicos
Indústrias de Transformação	Indústrias de Transformação
Alimentos e bebidas	Fabricação de produtos alimentícios e bebidas
Têxtil	Fabricação de produtos têxteis
Madeira	Fabricação de produtos de madeira
Papel e papelão	Fabricação de celulose, papel e produtos de papel
Química	Fabricação de produtos químicos
Minerais não-metálicos	Fabricação de produtos de minerais não-metálicos
Metalurgia	Metalurgia básica
-	Fabricação de produto de metal – exceto máquinas e equipamentos.
Outras	Outras

Quadro 1- Gêneros industriais

Fonte: IBGE (2007)

Tabela 1- Valor da Transformação Industrial, por gênero industrial no Brasil. Total Nominal e Percentual em relação ao total da unidade. 1967-2007. Valores em R\$ (mil) de 31 de dezembro de 2007. Corrigidos pelo IGP-DI (FGV)

BRASIL	1967	%	1977	%	1988	%	1997	%	2007	%
Total	101.5 27.178	10 0,0 %	371.74 5.531	10 0,0 %	328.97 9.199	10 0,0 %	439.63 3.506	10 0,0 %	606.19 0.545	10 0,0 %
Indústrias extrativas	2.592. 215	2,6 %	9.413. 438	2,5 %	12.219 .238	3,7 %	14.753 .369	3,4 %	48.05 8.684	7,9 %
Extração de minerais metálicos	2.592. 215	2,6 %	9.413. 438	2,5 %	12.219 .238	3,7 %	6.561. 697	1,5 %	18.44 8.935	3,0 %
Extração de minerais não-metálicos							3.136. 529	0,7 %	3.925. 895	0,6 %
Indústrias de transformação	98.93 4.963	97, 4%	362.33 2.093	5 %	316.75 9.961	3 %	424.8 80.134	96, 6%	558.13 1.861	92, 1%
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	16.84 2.194	16, 6%	47.087 .268	12, 7%	38.163 .630	11, 6%	79.365 .684	18, 1%	92.74 0.756	15, 3%
Fabricação de produtos têxteis	9.735. 734	9,6 %	22.794 .529	6,1 %	15.790 .377	4,8 %	12.846 .853	2,9 %	11.40 1.341	1,9 %
Fabricação de produtos de madeira	2.132. 668	2,1 %	8.707. 450	2,3 %	3.201. 405	1,0 %	5.103. 963	1,2 %	7.541. 147	1,2 %
Fabricação de celulose, papel e	3.193. 897	3,1 %	8.943. 797	2,4 %	10.799 .541	3,3 %	15.073	3,4 %	20.22 3.426	3,3 %

produtos de papel							.599			
Fabricação de produtos químicos	10.73 8.695	10, 6%	44.108 .490	11, 9%	50.998 .073	15, 5%	53.883 .571	12, 3%	62.49 2.384	10, 3%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	5.512. 602	5,4 %	22.660 .054	6,1 %	12.918 .693	3,9 %	16.153 .845	3,7 %	18.29 7.862	3,0 %
Metalurgia básica	10.35 2.755	10, 2%	45.720 .738	12, 3%	38.689 .097	11, 8%	25.581 .435	5,8 %	46.99 3.384	7,8 %
Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos							16.881 .727	3,8 %	22.79 6.173	3,8 %
Outras	40.42 6.417	39, 8%	162.30 9.767	43, 7%	146.19 9.144	44, 4%	205.0 44.603	46, 6%	301.32 9.242	49, 7%

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Tabela 2- Valor da Transformação Industrial, por gênero industrial no Pará. Total Nominal e Percentual em relação ao total da unidade. 1967-2007. Valores em R\$ (mil) de 31 de dezembro de 2007. Corrigidos pelo IGP-DI (FGV)

PARÁ	1967	%	1977	%	1988	%	1997	%	2007	%
Total	360.285	100,0%	X	X	2.073.866	100,0%	4.540.543	100,0%	9.959.437	100,0%
Indústrias extrativas	15	0,0%	X	X	344.078	16,6%	1.629.553	35,9%	4.086.097	41,0%
Extração de minerais metálicos	15	0,0%	X	X	344.078	16,6%	1.549.434	34,1%	3.999.743	40,2%
Extração de minerais não-metálicos							X	X	86.354	0,9%
Indústrias de transformação	360.269	100,0%	X	X	1.729.788	83,4%	2.910.990	64,1%	5.873.340	59,0%
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	105.314	29,2%	552.943	-	407.435	19,6%	601.742	13,3%	980.012	9,8%
Fabricação de produtos têxteis	49.145	13,6%	97.733	-	76.058	3,7%	50.177	1,1%	42.260	0,4%
Fabricação de produtos de madeira	36.924	10,2%	318.625	-	220.088	10,6%	664.165	14,6%	959.392	9,6%
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	3.947	1,1%	X	X	194.579	9,4%	76.159	1,7%	273.210	2,7%
Fabricação de produtos químicos	7.976	2,2%	66.609	-	12.181	0,6%	77.267	1,7%	184.976	1,9%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	42.909	11,9%	237.068	-	310.895	15,0%	116.691	2,6%	518.815	5,2%

Metalurgia básica	11.588	3,2 %	50.8 93	-	39.621	1,9 %	1.055.8 27	23, 3%	2.464.0 62	24,7 %
Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos							19.307	0,4 %	89.782	0,9 %
Outras	102.468	28, 4%	X	X	468.930	22, 6%	329.774	7,3 %	360.831	3,6 %

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Tabela 3- Valor da Transformação Industrial, por gênero industrial no Amapá. Total Nominal e Percentual em relação ao total da unidade. 1967-2007. Valores em R\$ (mil) de 31 de dezembro de 2007. Corrigidos pelo IGP-DI (FGV)

AMAPÁ	1967	%	1977	%	1988	%	1997	%	2007	%
Total	186.937	100, 0 %	381.433	100, 0 %	100. 038	100, 0 %	175. 845	100, 0 %	243.80 8	100, 0 %
Indústrias extrativas	177.372	94, 9%	286.447	75, 1%	55.9 78	56, 0%	41.8 43	23, 8%	102.14 3	41, 9%
Extração de minerais metálicos	177.372	94, 9%	286.447	75, 1%	55.9 78		41.8 43	23, 8%	101.04 2	41, 4%
Extração de minerais não-metálicos							-	-	1.101	0,5 %
Indústrias de transformação	9.566	5,1 %	94.986	24, 9%	44.0 61	44, 0%	134. 004	76, 2%	141.66 5	58, 1%
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	6.118	3,3 %	X	X	X	X	31.5 91	18, 0%	33.853	13, 9%
Fabricação de produtos têxteis	-	-	-	-	-	-	-	-	215	-
Fabricação de produtos de madeira	2.105	1,1 %	73.339	19, 2%	853	0,9 %	1.21 7	0,7 %	80.270	32, 9%
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	-	-	-	-	-	-	92.0 37	52, 3%	-	-
Fabricação de produtos químicos	-	-	-	-	-	-	X	X	219	0,1 %
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	726	0,4 %	617	0,2 %	-	-	1.27 5	0,7 %	7.157	2,9 %
Metalurgia básica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fabricação de produtos de metal - exceto máquinas e equipamentos							2.45 9	1,4 %	1.802	0,7 %
Outras	617	0,3 %	X	X	X	X	5.42 3	3,1 %	18.149	7,4 %

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

3 Valor da transformação industrial – Brasil, Pará e Amapá

No ano de 1967 a indústria extrativa representava 2,6% da produção industrial nacional, cujo peso maior centrava-se na indústria de transformação que respondia por 97,4% daquilo que era produzido no país. Perfil semelhante a esta estrutura industrial registrava-se no Estado do Pará, onde a indústria de transformação representava praticamente todo o universo do setor secundário. Contudo, no Estado do Amapá, a situação era inversa, posto que a indústria extrativa mineral perfazia 94,9% da produção, enquanto que a indústria de transformação contribuía com inexpressivos 5,1% do total. O gráfico a seguir expressa esse comportamento.

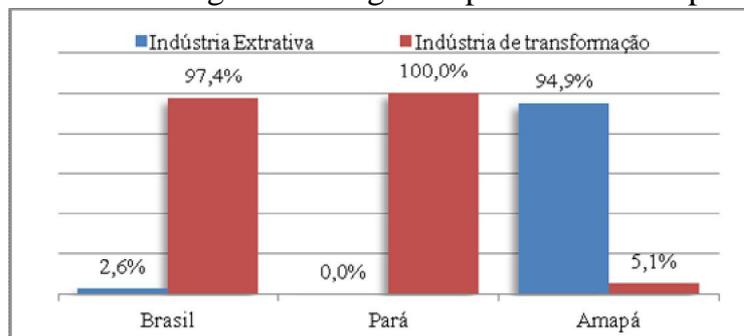


Gráfico 2 - Estrutura da Indústria no Brasil, Pará e Amapá - 1967

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Uma década depois, a estrutura da indústria brasileira permanecia praticamente inalterada. A indústria extrativa representava 2,5% do total da produção e a indústria de transformação significava 97,5% desse universo. A análise dos dados da indústria paraense se encontra prejudicada porque não foram fornecidos os valores correspondentes a indústria extrativa mineral. Tal situação manifesta-se, neste caso, quando apenas uma empresa representa a totalidade da produção de um segmento industrial. De acordo com a metodologia do IBGE, nesse caso, o dado é omitido.

Pensou-se em utilizar os dados de outro ano que não 1977, que poderia ser um ano antes (1976) ou um ano depois (1978), entretanto, essa possibilidade revelou-se inviável porque na série ano a ano, de 1974 a 1979, esses dados encontram-se omitidos na PIA¹. Dessa maneira, manteve-se o ano de 1977, prejudicando a análise sobre a performance da indústria paraense no período.

No Estado do Amapá, registrava-se uma perda relativa de participação percentual da indústria extrativa mineral que, em 1967, contribuiu com quase 95%. Em 1977 esta

¹ Para assegurar o sigilo na divulgação de informações estatísticas, de acordo com a legislação vigente, foram adotadas regras de desidentificação da informação tabulada com o objetivo de evitar a individualização do informante. Quando em um determinado detalhamento das tabelas de resultados existir apenas um ou dois informantes, as informações correspondentes são agregadas na linha “Outros”, de acordo com a seguinte ordem de prioridade: • agrupar com outros detalhamentos nos quais existam também apenas um ou dois informantes; e • agregar preferencialmente com o detalhamento de menor valor da transformação industrial. Os detalhamentos agregados na linha “Outros” estão assinalados com (x), a fim de assegurar o sigilo das informações individualizadas através dos procedimentos descritos (PIA – IBGE, 2004).

atividade representou 75,1% da produção industrial amapaense. Isto pelo fato de que a indústria madeireira passou a representar 19,2% desse universo.

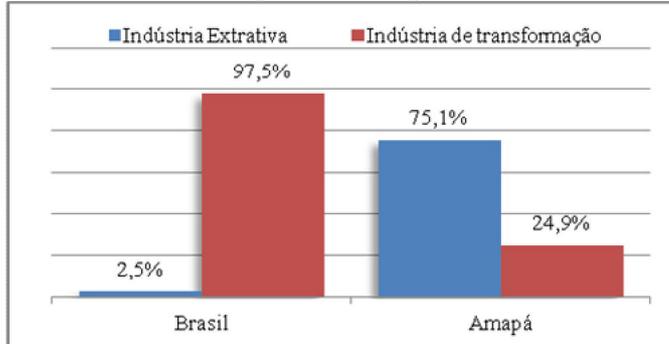


Gráfico3 - Estrutura Industrial Brasil e Amapá - 1977

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

O próximo ano de análise selecionado foi o ano de 1988, uma vez que em 1987 a pesquisa não foi realizada. A idéia inicial era utilizar o espaço de tempo de dez anos para efetuar a avaliação, entretanto, o período aqui considerado corresponde a um intervalo de onze anos, o que não chega a representar prejuízo para análise.

Tem-se, assim, a mesma estrutura anterior em relação a indústria brasileira cujas participações percentuais são as seguintes: indústria extrativa: 3,7% e indústria de transformação: 96,3%. Os dados do Estado do Pará são: indústria extrativa: 16,6% e indústria de transformação: 83,4%. Nesse contexto, é possível observar que após 21 anos do início da Operação Amazônia, a indústria paraense já havia modificado sensivelmente o seu perfil.

Em primeiro lugar pela significativa participação da indústria extrativa mineral que praticamente inexistia em 1967. Em segundo lugar em razão de que, ao se realizar uma análise detalhada no conjunto de segmentos que compõe o grupo “indústria de transformação”, verifica-se que o gênero “alimentos e bebidas” que respondia por 29,2% da indústria paraense, em 1988 representava, neste ano, 19,6% do universo. Este fato encontra-se relacionado a intensificação do comércio com as regiões mais industrializadas do país, principalmente a região Sudeste, provocando uma redução nas atividades industriais na região.

A produção de têxteis caiu de forma acentuada de 13,6% em 1967 para 3,7% em 1988, contudo, o setor de “papel e papelão” que registrava irrisórios 1,1% em 1967 saltou para 9,4% da produção estadual. Os demais gêneros industriais permanecem com modificações pouco significativas.

No Estado do Amapá foram verificadas algumas alterações de destaque como a perda de importância relativa da indústria mineral, que já havia registrado queda em 1977 em relação a 1967, de 94,9% para 75,1% e, em 1988 este percentual caiu para 56% da produção industrial local, contudo, é inegável que no decorrer de todo esse período a indústria mineral foi o carro-chefe da economia amapaense. O gráfico a seguir ilustra este desempenho.

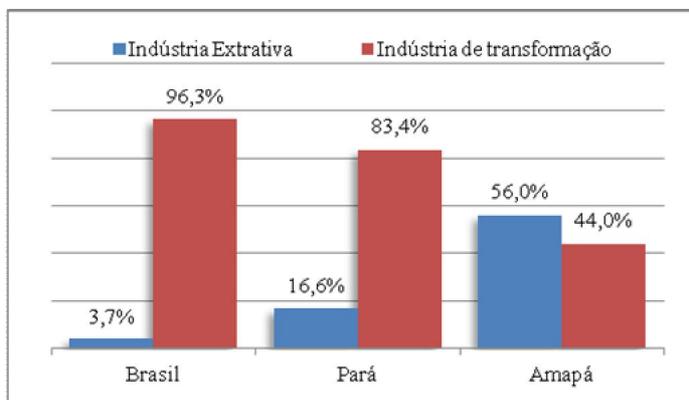


Gráfico 4 - Estrutura Industrial Brasil, Pará e Amapá - 1988

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

No ano de 1997, os dados da PIA já contemplavam a nova metodologia do IBGE. Tem-se que a estrutura da indústria brasileira permaneceu centrada na indústria de transformação (96,64%), sendo que a indústria extrativa mineral representava, à época, 3,36%, da produção nacional.

Significativas mudanças, entretanto, verificam-se no setor industrial paraense. A indústria extrativa passou a contribuir com 35,89% e a indústria de transformação com 64,11%. No conjunto dos gêneros industriais que compõem o grupo “indústria de transformação”, os destaques são para a “metalurgia básica” que correspondeu a 23,25%, “fabricação de produtos de madeira” com 14,63% e “alimentos e bebidas” com 13,25%, setores fortemente contemplados com a política de incentivos fiscais.

Nesta etapa a indústria extrativa mineral já havia se consolidado como o segmento do setor produtivo de maior expressão para a economia do Estado do Pará. Importante resgatar que este foi o ano de privatização da CVRD.

Em 1997 a ICOMI paralisou suas atividades no Amapá, em virtude da contração do preço internacional do minério. A indústria extrativa mineral contribuiu com 23,80% do total da produção estadual e a indústria de transformação passou a significar 76,21%, basicamente ocupado pelo gênero “fabricação de celulose, papel e produtos de papel” que respondeu por 52,34%. Isso não significa um aumento real do segmento, mas tão somente uma elevação relativa, posto que a principal atividade produtiva do Estado definhava, conforme se pode observar no Gráfico 5.

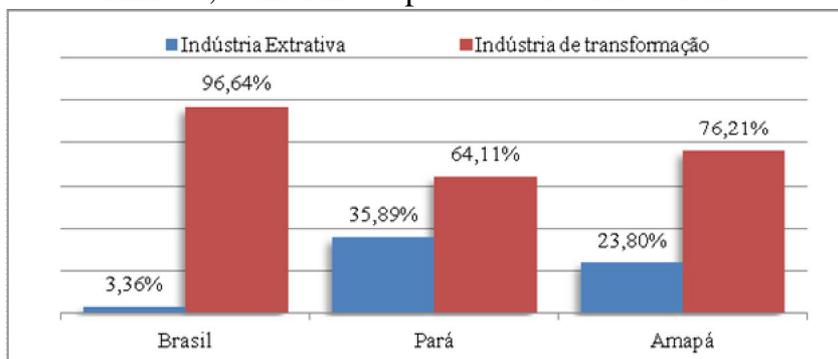


Gráfico 5 - Estrutura Industrial Brasil, Pará e Amapá - 1997

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Em 2007, a produção industrial brasileira encontrava-se assim distribuída: indústria extrativa mineral com 7,93% da produção nacional, revelando um aumento significativo de participação desse grupo quando comparado a todos os anos da série já analisados. Isto em função do ingresso da China no mercado internacional que elevou o preço das commodities minerais viabilizando sobremaneira esta atividade. A indústria de transformação respondeu por 92,07% da produção industrial do país.

O Pará manteve a trajetória de ascendência de importância da indústria extrativa mineral, que em 2007 experimentava o *boom* de preços das commodities minerais no mercado internacional, e já correspondia a expressivos 41,03% da produção industrial do Estado. O grupo “indústria de transformação” que contribuiu com 58,97% do total produzido, também esteve fortemente representado pelo gênero “metalurgia básica” com 24,74% a exemplo da performance da década anterior. Os demais gêneros com participação expressiva foram “alimentos e bebidas” com 9,84% e “fabricação de produtos de madeira” com 9,63% da produção paraense.

O bom momento do mercado internacional inaugurou um novo ciclo mineral no Amapá, repercutindo positivamente no desempenho da indústria amapaense. A indústria extrativa mineral passou a representar 41,89% do total produzido e a indústria de transformação 58,11%, de acordo com o Gráfico 6.

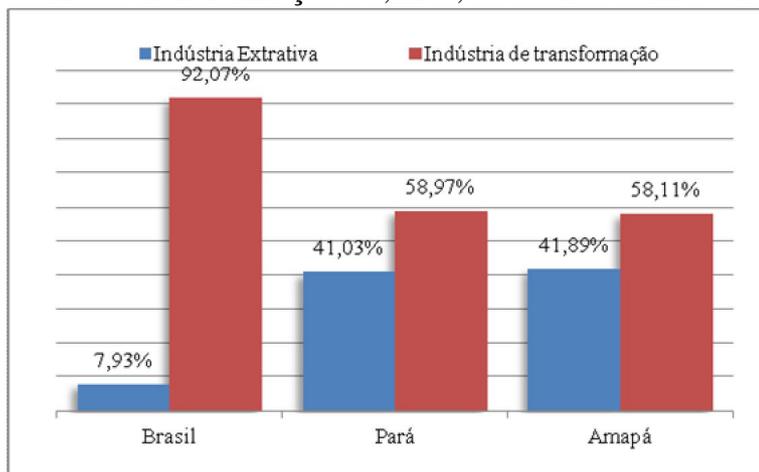


Gráfico 6- Estrutura Industrial Brasil, Pará e Amapá - 2007

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

O gráfico a seguir tem o objetivo de demonstrar a evolução da estrutura industrial brasileira no intervalo dos quarenta anos selecionados. Observa-se que o grupo “indústria de transformação” representa, no decorrer da série, patamares acima de 90% da produção industrial, fortemente vinculados aos gêneros “alimentos e bebidas” com 15,3%, “produtos químicos” com 10,31% e “metalurgia básica” com 7,75%.

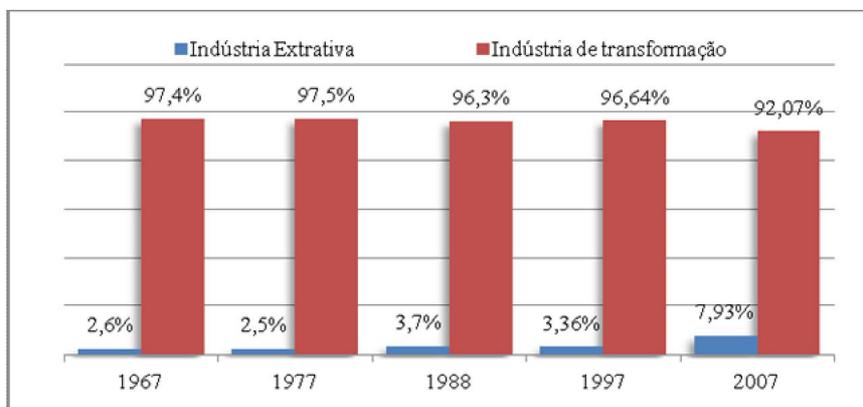


Gráfico 7- Estrutura Industrial do Brasil 1967 - 2007

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Os dados do gráfico, a seguir, expressam a evolução da estrutura da indústria paraense, no período em análise. Percebe-se o positivo desempenho da indústria extrativa mineral, caracterizando o Pará como um Estado mineiro, sendo que apenas o sub-grupo “extração de minerais metálicos” respondeu por 40,16% de toda a produção industrial, revelando uma excessiva concentração industrial neste segmento econômico.

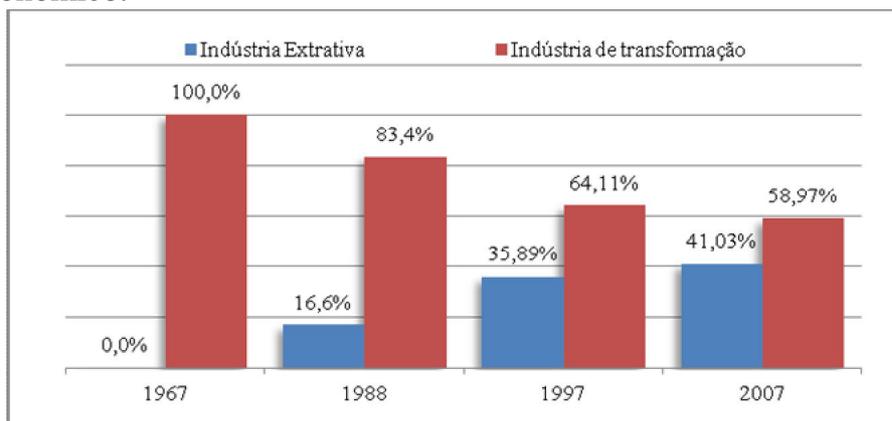


Gráfico 8- Estrutura Industrial do Estado do Pará 1967-2007

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

O objetivo do gráfico seguinte é demonstrar o desempenho da estrutura industrial do Amapá. Em razão de o Estado ter um setor industrial extremamente incipiente, concentrado em uma ou duas atividades econômicas voltadas para a exportação e, assim, dependente das oscilações do mercado internacional. Verifica-se que, dentre os três entes analisados, este revelou uma trajetória frágil, com tendência declinante no intervalo entre 1967-1997 e recuperação em 2007, em função da elevação do preço das commodities minerais no mercado internacional.

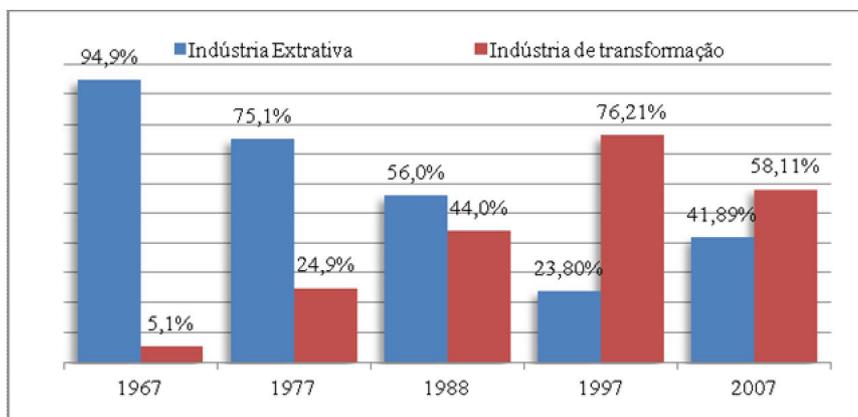


Gráfico 9 - Estrutura Industrial do Estado do Amapá 1967-2007
Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

a) Pará

Em 1967 a indústria paraense era composta predominantemente pelas indústrias de transformação, que se caracterizavam por serem indústrias tradicionais ou residenciais. Este contexto representava os reflexos da histórica formação industrial do Estado em um ambiente pouco favorável ao desenvolvimento do setor produtivo. A estrutura da indústria revelava-se pouco diversificada. Apesar da fragilidade dos dados, é possível identificar que o reduzido número de segmentos industriais (alimentos e bebidas, têxteis, madeira e minerais não-metálicos).

Indústrias voltadas para o atendimento da demanda do mercado interno, em geral, que sofria fortes abalos da intensificação da concorrência com os produtos provenientes das regiões mais industrializadas do país.

Após quarenta anos, nota-se que estrutura industrial paraense apresenta-se um pouco mais diversificada. Observa-se a consolidação das indústrias extrativas e metalurgia básica, assim como a elevação de sua expressividade para o conjunto da economia estadual. Alguns segmentos que integram o grupo das indústrias de transformação experimentaram uma redução acentuada (alimentos e bebidas e têxteis).

Os principais segmentos industriais do Estado do Pará voltam-se para o atendimento do mercado externo, reforçando a ideia de que a região inseriu-se no projeto de inter-complementaridade da indústria nacional e no fornecimento de produtos, basicamente commodities, para o mercado internacional. O gráfico 10 retrata essa situação.

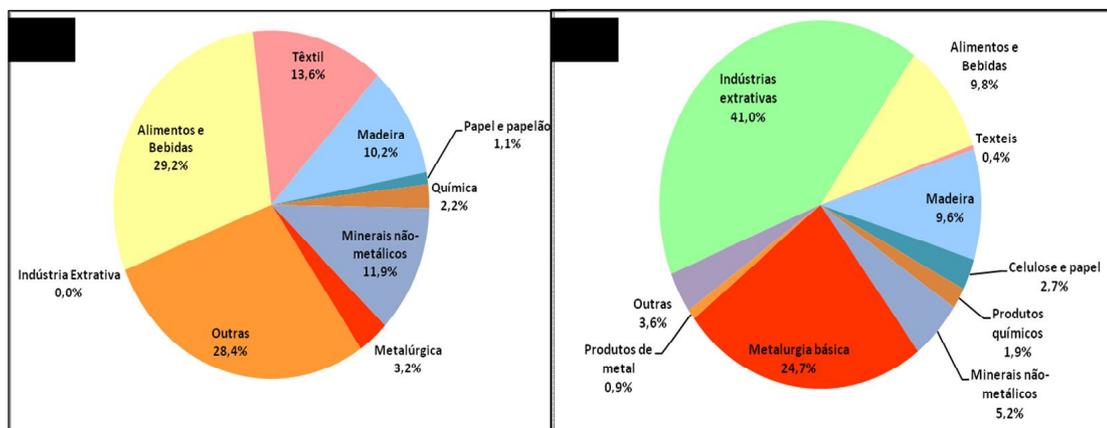


Gráfico 10- Evolução da estrutura industrial do Estado do Pará – 1967 e 2007

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em www.ibge.gov.br

b) Amapá

No caso amapaense, em 1967, a exceção das atividades da ICOMI, praticamente não existia atividade industrial no Amapá. As atividades produtivas integrantes do grupo “indústrias de transformação”, mostravam-se tão reduzidas, reforçando a idéia da pequena importância do setor industrial no Estado. Em 2007, a estrutura industrial experimentou alguma diversificação, assim mesmo, muito pequena, sendo que os três importantes setores que se destacam caracterizam por serem atividades voltadas para a exportação e vinculadas ao extrativismo. O segmento “indústrias extrativas” corresponde a produção de minerais. O segmento “alimentos e bebidas” está representado basicamente pela produção de polpa de frutas, sobretudo, açaí e o segmento “madeira” é a produção de cavaco para a fabricação de celulose, conforme se pode observar no gráfico 11.

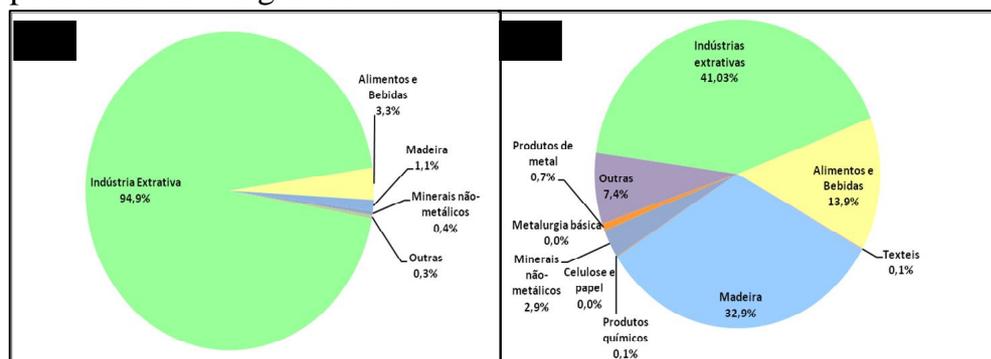


Gráfico 11- Estrutura industrial do Estado do Amapá – 1967 e 2007

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em www.ibge.gov.br

Além da evolução e alteração das estruturas industriais do Brasil, Pará e Amapá, a análise do Valor da Transformação Industrial, corrigido pelo IGP-DI, também permite compreender o crescimento real da indústria, que se manifestou de maneira díspare nas duas unidades em análise neste estudo, conforme se observa na tabela 4, a seguir.

Tabela 4- Valor da Transformação Industrial corrigido para Reais (mil) de 31 de dezembro de 2007 (IGP-DI - FGV)

	1967	1977	Evol. % 1967 -77	1988	Evol. % 1977 -88	1997	Evo l. % 198- 97	2007	Evo l. % 199 7- 07	
Brasil	Total	101.527.177	371.745.530	266,2 %	328.979.198	- 11,5 %	439.633.506	33,6 %	606.190.545	37,9 %
	Indústrias extrativas	2.592.215	9.413.438	263,1 %	12.219.237	29,8 %	14.753.369	20,7 %	48.058.684	225,7 %
	Indústrias de transformação	98.934.962	362.332.092	266,2 %	316.759.961	- 12,6 %	424.880.134	34,1 %	558.131.861	31,4 %
	Produtos alimentícios e	16.842.194	47.087.267	179,6 %	38.163.630	-	79.365.684	107,9 %	92.740.756	16,9 %

	bebidas					%				
	Produtos têxteis	9.735.733	22.794.528	134,1 %	15.790.377	- 30,7 %	12.846.853	- 18,6 %	11.401.341	- 11,3 %
	Produtos de madeira	2.132.667	8.707.449	308,3 %	3.201.405	- 63,2 %	5.103.963	59,4 %	7.541.147	47,8 %
	Celulose e papel	3.193.897	8.943.796	180,0 %	10.799.541	20,7 %	15.073.599	39,5 %	20.223.426	34,2 %
	Produtos químicos	10.738.695	44.108.490	310,7 %	50.998.073	15,6 %	53.883.571	5,6 %	62.492.384	16,0 %
	Minerais não-metálicos	5.512.601	22.660.054	311,1 %	12.918.693	- 43,0 %	16.153.845	25,0 %	18.297.862	13,3 %
	Metalurgia básica	10.352.754	45.720.738	341,6 %	38.689.096	- 15,4 %	25.581.435	- 33,8 %	46.993.384	83,7 %
	Outras	40.426.417	162.309.766	301,5 %	146.199.144	- 9,9%	205.044.603	40,2 %	301.329.242	47,0 %
	Total	360.284	X		2.073.866		4.540.543	118,9%	9.959.437	119,3%
	Indústrias extrativas	15	X		344.078		1.629.553	373,6%	4.086.097	150,7%
	Indústrias de transformação	360.269	X		1.729.788		2.910.990	68,2 %	5.873.340	101,8%
	Produtos alimentícios e bebidas	105.313	552.943	425,0 %	407.435	- 26,3 %	601.742	47,6 %	980.012	62,9 %
	Produtos têxteis	49.144	97.732	98,9 %	76.057	- 22,2 %	50.177	- 34,0 %	42.260	- 15,8 %
	Produtos de madeira	36.924	318.625	762,9 %	220.088	- 30,9 %	664.165	201,7%	959.392	44,5 %
	Celulose e papel	3.946	X		194.579		76.159	- 60,8 %	273.210	258,7%
	Produtos químicos	7.975	66.608	735,2 %	12.181	- 81,7 %	77.267	534,3%	184.976	139,4%
	Minerais não-metálicos	42.908	237.067	452,5 %	310.895	31,1 %	116.691	- 62,4 %	518.815	344,6%
	Metalurgia básica	11.587	50.893	339,2 %	39.621	- 22,1 %	1.055.827	2564,7%	2.464.062	133,4%
	Outras	102.468	X		468.930		329.774	- 29,6 %	360.831	9,4 %
	Total	186.937	381.433	104,0 %	100.038	- 73,8 %	175.845	75,7 %	243.808	38,6 %
	Indústrias extrativas	177.371	286.446	61,5 %	55.977	- 80,5 %	41.843	- 25,2 %	102.143	144,1%
	Indústrias de	9.565	94.986	893,0 %	44.060	-	134.004	204,	141.66	5,7

transformação			%		53,6 %		1%	5	%
Produtos alimentícios e bebidas	6.118	X		X		31.591		33.853	7,2 %
Produtos têxteis	-	-		-		-		215	
Produtos de madeira	2.104	73.338	3384, 8%	852	- 98,8 %	1.217	42,7 %	80.270	649 7,4 %
Celulose e papel	-	-		-		92.037		-	
Produtos químicos	-	-		-		(x)		219	
Minerais não-metálicos	725	617	- 14,9 %	-		1.275		7.157	461, 3%
Metalurgia básica	-	-		-		-		-	
Outras	617	X		X		5.423		18.149	234, 7%

Fonte: PIA-IBGE. Disponível em <www.ibge.gov.br>

Nas quatro décadas analisadas, constata-se que a evolução em termos reais do valor produzido na indústria nacional só foi negativa no período compreendido entre 1977 e 1987, interregno marcado por crises de endividamento externo e de elevada inflação. Nos demais períodos estudados o VTI evoluiu positivamente, passando de R\$ 101,5 para R\$ 606 bilhões.

Ainda com relação ao Brasil, destaca-se que a performance da indústria extrativa superou significativamente a da indústria de transformação, inclusive não retraindo seu VTI nem na década em que a indústria como um todo involuiu (1977-87).

O estudo dos dados do Pará é prejudicado pela desidentificação da principal indústria no ano de 1977, o que impossibilita a comparação em dois períodos. Entretanto, é possível observar que o desempenho do Pará foi bem superior à média nacional. Se cotejados os dados de 1988 com os de 1967, ver-se-á que o Pará cresceu o VTI global de R\$ 360 milhões para R\$ 2 bilhões, um crescimento percentual de 476%, enquanto que a média nacional apresentou evolução de quase metade disso, 224% no mesmo período (de R\$ 101 para R\$ 389 bilhões).

Também é evidente que a indústria extrativa do Pará foi a grande responsável por essa evolução, com crescimento constante em todos os períodos analisados. Aliás, durante a “década perdida”, nos dados que estão aparentes na tabela 4, o Pará também caiu em todos os itens, com exceção do segmento “minerais não metálicos”, corroborando com a evidência de que tal crescimento só poderia ter advindo da indústria extrativa mineral.

Nos demais períodos em que é possível se estabelecer análise comparativa, a indústria extrativa cresceu 373% (88-97) e 150% (97-07), índices muito superiores à média do país e ao desempenho de sua própria indústria de transformação.

Merecem também destaque três setores que integram a indústria de transformação: metalurgia básica, que absorve como insumo o produto da indústria extrativa mineral,

e que cresceu 2.500% no decênio 88-97; o de produtos químicos, particularmente na primeira e terceira década de análise; e o segmento de produtos de madeira com evolução também significativa.

O Estado do Amapá, como já demonstrado, tem sua estrutura industrial transformada no período de quarenta anos de análise, passando de um local quase que exclusivamente produtor de minérios, para uma maior diversificação estrutural da sua base industrial.

Entretanto, essa diversificação não se traduziu em evolução real da sua indústria, pelo contrário, o maior VTI obtido pelo Amapá se deu exatamente na década de 70, com quase R\$ 400 milhões, dos quais 75% eram oriundos da extração mineral, notadamente do manganês de Serra do Navio. Na década seguinte, o VTI total do Amapá caiu vertiginosamente (-73%), começando uma ligeira recuperação na década subsequente, movimento somente sustentado pela indústria de transformação, uma vez que a indústria extrativa prosseguia em ritmo descendente, representando em 1997 apenas 14% do valor que havia ostentado em 1977.

A recuperação geral da economia industrial só é percebida no último período de análise (1997 – 2007) no qual todos os setores e segmentos apresentam evolução positiva, ainda que tenham sido em ritmo muito mais lento do que o observado no Pará.

Dos setores da indústria de transformação, merece destaque o comportamento do segmento de produtos de madeira, que cresceu quase 6.500% na última década de análise, com um VTI acima de R\$ 80 milhões.

No entanto, esse valor é apenas levemente superior ao VTI de 1977 (R\$ 73 milhões), corroborando com evidência de ainda reduzido aproveitamento da atividade no Estado.

O gráfico a seguir apresenta de forma consolidada o desempenho do Brasil, Pará e Amapá comparando o primeiro ano da série (1967) com o último (2007), com a evolução percentual do VTI corrigido em reais de 2007.

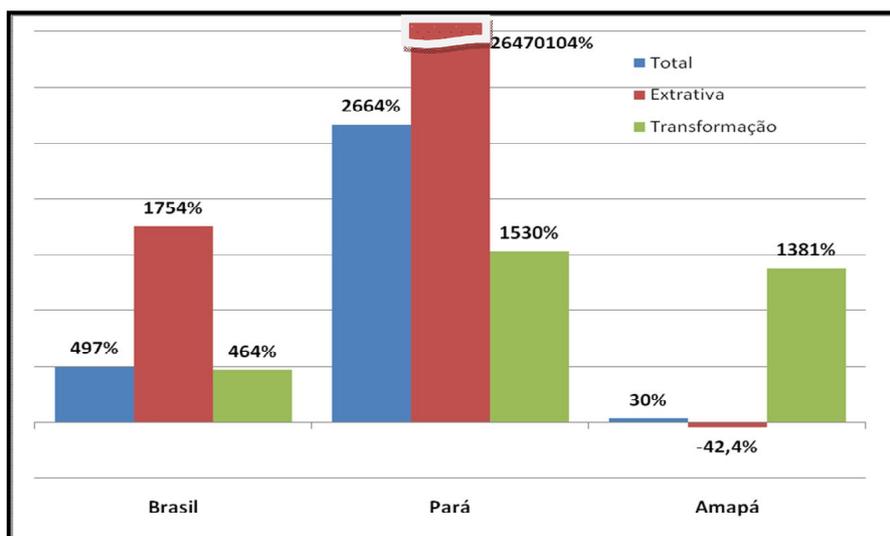


Gráfico12- Evolução percentual o VTI do Brasil, Pará e Amapá, entre os anos de 1967 e 2007. Valores corrigidos em Reais de 31 de dezembro de 2007 (IGP-DI. FGV)

Fonte: IGP-DI. FGV (2007).

O gráfico 12 confirma que o processo de industrialização no Pará foi muito mais dinâmico do que no Amapá e do que a média nacional, tanto em sua indústria de transformação, mas, sobretudo na indústria extrativa mineral que cresceu mais de 26 milhões por cento no período.

O Amapá teve sua produção industrial estagnada entre 1967 e 2007, com queda na indústria extrativa e forte crescimento percentual na indústria de transformação, o que não se traduziu no VTI total de maneira significativa por ter sido baseado em números ínfimos da década de 1960.

4 Considerações finais

As indústrias da Amazônia Oriental podem ser classificadas em três grandes categorias: a indústria extrativa, a indústria predominantemente produtora de bens intermediários e a indústria residenciária². Uma característica comum da atividade industrial regional é a reduzida agregação de valor ao produto, conseqüente à limitada utilização de tecnologia. As exportações industriais concentram-se em produtos semi-elaborados e a realização das etapas que requisitam maior aporte tecnológico ocorre, invariavelmente, fora da região.

A indústria regional está intensamente ligada ao fator locacional “proximidade com a matéria-prima”, seja ele minério, madeira, pesca, carne, leite, essências, óleos, etc. Atribui-se esta situação ao processo de fragmentação das cadeias produtivas, tendência da economia global, mas também a fatores locais como o baixo nível tecnológico da região, re investimentos em P&D, precárias condições infraestruturais, dentre outras variáveis.

O padrão dos investimentos industriais na Amazônia Oriental evidencia uma forte articulação com o mercado externo, estabelecendo uma razoável relação de dependência do sistema econômico gestado, caracterizando-se como uma industrialização periférica.

Contudo, é inegável que no período de quarenta anos objeto da análise a região transformou consideravelmente a sua estrutura industrial, destacadamente o Estado do Pará, ampliando o seu portfólio de potencialidades, a partir da verticalização de algumas atividades industriais, emprego de tecnologia limpa e aprofundamento das pesquisas científicas sobre a utilização dos recursos da biodiversidade.

As atividades industriais na Amazônia Oriental têm a possibilidade de ser a principal alternativa de desenvolvimento, desde que encaradas como tal e, não tidas enquanto atividades inadequadas para uma região que possui um dos mais emblemáticos ecossistemas terrestres.

Referências

IBGE. **Pesquisa Industrial Anual**. Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Pesquisa Industrial 2007- Empresa**. Rio de Janeiro, 2007. v. 26.

² Indústria residenciárias ou tradicionais genericamente são as indústrias que produzem bens de consumo não-duráveis, como alimentos e bebidas, perfumaria, higiene, etc;

_____. **Pesquisa Industrial Anual - Empresa.** Base de dados. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 maio 2008

*Artigo recebido em 04 de novembro de 2010.
Aprovado em 30 de dezembro de 2010.*